

O aborto (1893), de Figueiredo Pimentel: um romance esquecido

Mariana Martins Porto*

RESUMO

Neste estudo, pretende-se investigar um recorte da literatura licenciosa do século XIX no Brasil, com ênfase no romance naturalista *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel (1869-1914). Para tanto, este artigo perpassa sobre os livros pornográficos encontrados na biblioteca pessoal de Mário, um dos protagonistas da narrativa, além de mostrar a personagem Maricota como uma mulher viril e dona de seu próprio corpo e sexualidade. Ademais, almeja-se também ajudar a melhor clarificar a atuação de Figueiredo Pimentel no mercado literário e jornalístico de sua época, mostrando que a produção desse autor se expande além da literatura infantil, pela qual é mais amplamente conhecido.

Palavras-Chave: *Figueiredo Pimentel; Naturalismo; Século XIX.*

ABSTRACT

In this study, we intend to investigate the licentious literature of the 19th century in Brazil, emphasising the naturalist novel *O aborto* (1893), by Figueiredo Pimentel (1869-1914). Thus, this article goes through the pornographic books found in Mario's personal library, one of the protagonists of the narrative, and shows the character Maricota as a virile woman who owns her own body and sexuality. Furthermore, we also aim to help to clarify the performance of Figueiredo Pimentel in the literary and journalistic market of his time, showing that the production of this author expands beyond the children's literature, by which he is more widely known.

Keywords: *Figueiredo Pimentel; Naturalism; 19th century.*

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), RJ, Brasil. Contato: marianamartinsporto@hotmail.com.

1. Figueiredo Pimentel: entre a literatura e o jornal

28

Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi um autor muito vendido durante os oitocentos, com o romance *O aborto* alcançando o marco de sete mil exemplares logo nos primeiros meses de seu lançamento, em 1893. Considerando o mercado literário da época, pode-se dizer que o livro foi um *best-seller*. Por que, então, não se ouve falar deste romance nos manuais de literatura? Por que hoje em dia é tão difícil encontrar um exemplar? É impossível não se questionar onde foram parar sete mil livros. Na edição organizada por Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina, publicada pela editora 7 Letras, os organizadores apontam que tiveram acesso a apenas três exemplares da obra, sendo raríssimo encontrar uma publicação que não seja essa, lançada em 2015.

O “Zola da Praia Grande”, como foi apelidado Figueiredo Pimentel – em alusão à cidade de Niterói (RJ) e a Émile Zola (1840-1902), considerado o representante mais expressivo do naturalismo na França – foi julgado imoral e até mesmo censurado na *Província do Rio*, jornal em que publicava, sob o pseudônimo de Albino Peixoto, o folhetim *O artigo 200*, que veio a dar origem a *O aborto*. No romance, o autor inclui um “prefácio indispensável”, no qual explica que “em vista de reclamações diárias sem conta, devolução de assinaturas,

cartas anônimas, etc., a redação julgou bom mudar palavras, suprimir cenas e descrições e, mais tarde, suspender-lhe a publicação” (PIMENTEL, 2015, p. 23).

A interrupção da publicação do folhetim, no entanto, não é de se estranhar. Figueiredo Pimentel se mostra um autor corajoso ao abordar o prazer feminino no sexo (ainda mais fora do casamento!), masturbação, aborto, menstruação e outros assuntos polêmicos de forma tão explícita. Para Pedro Paulo Catharina (2013, p. 48), a escolha do tema e a linguagem usada em *O aborto* chegam a superar a ousadia de autores como Júlio Ribeiro e Aluísio Azevedo.

O artigo 200 é também citado em *O aborto*, sendo uma das leituras de Maricota, a protagonista dessa polêmica narrativa, que, sem saber, lê a própria história no jornal. No romance, Figueiredo Pimentel fala abertamente sobre o folhetim que lhe deu origem e critica o desfecho publicado pela *Província do Rio*. O autor deixa clara a origem do título da obra: o artigo 200 é parte do Código Criminal do Império. Ao procurar sobre o que se tratava, Maricota lê que o artigo consiste em “fornecer, com conhecimento de causa, drogas ou quaisquer meios para produzir o aborto” (PIMENTEL, 2015, p. 82).

Somente ao publicar a história em livro, Figueiredo Pimentel pôde dar-lhe o final que queria, explicando em seu prefácio que o romance não versa sobre uma fantasia, mas sim um fato passado em Niterói e que quase todos os seus protagonistas ainda estavam vivos enquanto o romance era escrito, argumento que o autor usa para justificar o cunho cientificista de seu texto. Na dedicatória de *O aborto*, Figueiredo Pimentel declara não se importar que seu romance seja criticado por ser pornográfico ou imoral e se compara com outros autores naturalistas:

Agora, pouco me importa que ele seja pechado de pornográfico, imoral, bandalho. Para mim, será até uma honra e uma glória: Emílio Zola, Eça de Queiroz, Aluísio Azevedo, Pardal Mallet – todos os naturalistas – para este público besta, que lê os Serões do convento e vê operetas, são também pornográficos, imorais e bandalhos (PIMENTEL, 2015, p. 21).

Cabe ressaltar que dentre os poucos volumes conhecidos de *O aborto* prévios à edição da 7 Letras, encontram-se páginas arrancadas e rasuradas no volume mantido pela Biblioteca Nacional. Segundo Alessandra El Far (2011, p. 28): “todas as páginas do capítulo quinto que começam a narrar os encontros eróticos entre esses dois jovens [Maricota e Mário] foram arrancadas”. A má conservação do volume pode ser interpretada como um exemplo sobre a maneira que se deu a recepção do romance aos olhos mais conservadores dos oitocentos.

Figueiredo Pimentel também publicou outros romances polêmicos: *Suicida* (1895), *Um canalha* (1895) e *O terror dos maridos* (1896), bem como poesias. Além disso, tem uma vasta lista de publicações para crianças, pelas quais

é mais conhecido, estando entre elas os *Contos da Carochinha* (1894). Tamaña diversidade de produção corrobora a ideia de Figueiredo Pimentel como um escritor profissional, desfazendo o imaginário do escritor como alguém que possui um dom advindo de uma epifania divina.

Para dar conta da variedade de sua produção, que vai desde a escrita literária, como exposto acima, até o texto jornalístico, Figueiredo Pimentel lançou mão de uma vasta multiplicidade de pseudônimos. Entre eles estão o já mencionado Albino Peixoto, que assina *O artigo 200*; Chico Botija, jornalista que aparece no capítulo II de *O aborto*; além dos colunistas Abelhudo, Tesoura e Heitor Vasco (VIEIRA, 2015, p. 104).

A relação entre *O aborto* e o naturalismo é evidente durante todo o romance, como o elemento fisiológico (urina e menstruação), o contato entre os corpos, o argumento do autor de que se trata de um estudo da sociedade, a figura do farmacêutico presente em vários personagens da trama, entre outros elementos no texto.

Maricota possui algumas características de personagens naturalistas trágicas, como sua morte aos dezessete anos, mostrada ao leitor em uma descrição catastrófica: “Maricota, deitada numa poça de sangue, suspensa a camisa, arreganhadas as pernas, pálida, muito pálida, virou os olhos amortecidos e expirou” (PIMENTEL, 2015, p.132). Apesar disso, o que mais se sobressai no romance são as cenas bem detalhadas de sexo despido de qualquer intenção romântica, o tédio remediado pelas ávidas leituras da protagonista, a falta de qualquer perspectiva na vida e a banalidade da existência de seus personagens, características essas que se encaixam no naturalismo pornográfico e no naturalismo desiludido (BAGULEY, 1990, p. 127), tendo em vista que a presença de uma vertente não exclui a outra.

O editor de *O aborto* foi Pedro da Silva Quaresma, responsável por uma massiva campanha publicitária da obra, que foi vendida pela Livraria do Povo pela bagatela de dois mil réis o livro. Em um período em que os editores não costumavam produzir mais do que mil exemplares de um título, é surpreendente que o romance de estreia de Figueiredo Pimentel tenha alcançado um elevado número de vendas já nas primeiras semanas.

A obra não recebeu o título de popular apenas por seu conteúdo polêmico, mas também pelo preço acessível, facilitado graças às novas tecnologias de impressão que chegavam ao Brasil. É importante salientar que o baixo valor de venda do livro apenas se tornou possível devido a livreiros que começaram a produzir livros de menores custos, em edições menos luxuosas do que as encontradas nas livrarias Laemmert ou Garnier, editora de Machado de Assis. Essas obras eram impressas com capa brochada e papel de pouca qualidade, conquistando um público leitor mais abrangente (EL FAR, 2011, p. 12).

Figueiredo Pimentel foi um autor que soube explorar o caráter popular, banal e sexual atribuído à estética naturalista. Entre as temáticas de suas obras

naturalistas encontram-se não só o aborto, mas também o adultério, suicídio, masturbação, entre outros conteúdos que até mesmo neste século causariam polêmica. Percebe-se pelo “prefácio indispensável” de *O aborto* que o autor não temia a sua fama de “escritor imoral”, embora a historiografia tenha guardado seu nome simplesmente como escritor de obras infantis. Apesar do estrondoso sucesso de vendas de seus romances naturalistas, as portas do cânone nunca lhe foram abertas.

2. Os “romances para homens” de Mário

Em *O aborto*, o narrador apresenta um panorama do mercado de literatura popular/licenciosa de sua época. No romance, Mário possui um baú com sua coleção de livros pornográficos, que ele usa para se excitar: “*A carne*, por mais arte que tivesse, excitava-lhe o organismo, despertando-lhe a sensualidade, aculeando-lhe os desejos” (PIMENTEL, 2015, p. 66).

Entre esses livros encontramos, além de *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro, os romances naturalistas *Nana* (1880), de Émile Zola; *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós e *O homem* (1887), de Aluísio Azevedo. Além disso, o farmacêutico também possuía exemplares de *Esposa e virgem* (1870), de Adolphe Belot; *Volúpias* (1886), de Rabelais, pseudônimo de Alfredo Gallis, e *Os serões do convento* (1862), publicado pelo pseudônimo M. L. e atribuído a José Feliciano de Castilho.

Obras como essas eram chamadas de romance de sensação ou romance para homens:

(...) os chamados romances para homens alcançaram uma popularidade bastante singular no universo da literatura popular do século XIX. Essas publicações que revelavam, ao longo de suas páginas, uma sucessão interminável de relacionamentos proibidos, prazeres sem fim e desejos consumados, como o próprio termo sugere, deveriam ser proibidos às mulheres, vistas naquela época como pessoas de personalidade frágil, por isso, suscetíveis aos encantos da narrativa (EL FAR, 2011, p. 18).

Esses romances eram abertamente direcionados para o público masculino, como a própria expressão atribuída já indica: “romance para homens”. Às mulheres eram conferidas o *status* de frágeis, “suscetíveis aos encantos da narrativa” (EL FAR, 2007, p. 290). Os homens seriam capazes de discernir a ficção da realidade, já as mulheres correriam o risco de fazer certa confusão e, portanto, essas obras não lhe eram recomendadas. Apesar de “proibidos às mulheres”, Maricota encontra o

baú de Mário e lê os romances. A personagem reassegura a ideia vigente sobre os efeitos dessas leituras no comportamento do leitor, especialmente o feminino:

Devorou-os sofregamente, às ocultas da mãe, aprendendo neles coisas completamente ignoradas, e reparando em vários episódios que não compreendia bem, mas onde pressentia grandes imoralidades. Apreciava-os somente pelo lado da bandalheira (PIMENTEL, 2015, p. 72).

Por meio de Mário e Maricota, Figueiredo Pimentel expõe uma outra forma de leitura, não pelo conhecimento ou pelas informações contidas nos livros, mas pelo prazer sexual advindo destas leituras, que chegaram a ser chamados de “romances para serem lidos com uma mão”, expressão de origem no século XVIII para descrever “a produção literária que tinha como objetivo despertar os desejos mais íntimos do leitor” (AZEVEDO; FERREIRA JÚNIOR, 2017, p. 151).

Após Maricota se mudar para a casa provida pelo Dr. Leopoldo Pinheiro, homem abastado que a moça deixa pensar que será seu amante, no Largo do Marrão, Mário, quem de fato compartilhava da cama de Maricota, começou a entrar pela porta da frente e passar a noite com ela, algo que não era possível enquanto ambos moravam com os pais dela. Mário levava livros e fotografias pornográficas para ler com Maricota e juntos eles praticavam o que liam e viam:

Eram orgias do mais acanhalado deboche, obrigadas pela moça. O farmacêutico trazia-lhe volumes pornográficos, os Serões no convento, as Volúpias, de Rabelais, e fotografias imorais. Liam juntos, às vezes, praticando as descrições que achavam, colocando-se em posições difíceis, imitadas das estampas (PIMENTEL, 2015, p. 118).

Em *O aborto*, Figueiredo Pimentel apresenta um mercado literário ativo, no qual o leitor conhece algumas das obras mais populares em circulação nos oitocentos. Esse é um cenário bem diferente daquele engendrado pelos que foram, e até hoje são, considerados os grandes escritores desse período, que salientavam o desinteresse do público por seus romances e a escassez de vendas. Por meio de pesquisas recentes e do árduo trabalho de resgate historiográfico realizado por alguns estudiosos, como os já mencionados neste artigo, é que se pode constatar que havia um próspero mercado livreiro no Brasil, no século XIX. Esse mercado, popular e até mesmo licencioso, foi desprezado por não se encaixar dentro da concepção de literatura da elite literária. Os consumidores deste tipo de literatura provavelmente não estavam entre os intelectuais da época.

Como aponta Alessandra El Far (2011), essas obras tiveram grande circulação, haja vista que os livros eram enviados pelo correio do Rio de Janeiro para todo o Brasil, alcançando inúmeros leitores. Com um expressivo trabalho de divulgação, os livreiros que publicavam obras populares obtinham altos índices de venda.

Escritores poucos reconhecidos apelavam para a escrita de romances pornográficos para se aproveitar do escândalo causado e iniciarem a carreira literária. A literatura pornográfica fazia sucesso entre o público, com um bom número de venda, sendo uma forma mais rápida para autores pouco conhecidos marcarem seus nomes na cena literária (GOULEMOT, 2000, p. 48).

Os livros do baú de Mário foram de grande sucesso no século XIX, *best-sellers* até, no entanto, foram rejeitados pelo cânone e não constam em manuais de literatura. Porém, em *O aborto*, é possível perceber como esses romances atraíram milhares de leitores que, assim como Mário e Maricota, os liam como literatura pornográfica. É importante ressaltar que essa prática de leitura é tão válida quanto qualquer outra, de forma a não perpetuar possíveis preconceitos da elite letrada.

3. Maricota: uma mulher viril

Maricota, a protagonista de *O aborto*, é descrita como sendo a genuína mulher brasileira. Muito diferente da heroína branca e pura, aos moldes europeus, que por anos habitou os romances tupiniquins, Figueiredo Pimentel constrói uma personagem morena, de formas desenvolvidas, que esbanja sensualidade:

Aos quatorze, era moça feita, muito crescida, desenvolvidas as formas, alta, cheia de corpo e bonita. Tipo genuíno da mulher brasileira, tinha os cabelos negros, em tranças fartas, ligeiramente anelados; morena a pele, meio amulatada, talvez com uma sexta parte de sangue africano. Ninguém lhe dava tão pouca idade, parecendo ter mais, muito mais – dezoito, pelo menos (PIMENTEL, 2015, p. 29).

Maricota também é descrita como “leviana em excesso, namoradeira, dava corda a todos aqueles que a procuravam, sem distinção, quem quer que fosse...” (PIMENTEL, 2015, p. 30). A moça, que ao longo do romance mantém um relacionamento fora do casamento com seu primo, Mário, demonstra estar consciente do que quer e não se importar com convenções sociais. Maricota, na verdade, não fazia nada que já não fosse permitido a um homem, mas por isso foi julgada não apenas por outras personagens do romance, como também pelos críticos de Figueiredo Pimentel.

Enquanto os pais dormem, Maricota vai ao quarto de Mário em busca do primeiro sexo, atitude extremamente ousada para uma mulher no século XIX. O escritor Carlos Magalhães de Azeredo, em uma das críticas que fez a *O aborto*, chega a afirmar que seria fisiológica e psicologicamente inconcebível que uma moça solteira entrasse no quarto de um homem:

Mas qual é a sua surpresa, quando, uma noite, ela o vem procurar! Diga-me qualquer fisiólogo ilustrado, qualquer psicólogo profundo, visto que o autor tem pretensões psicofisiológicas, se é concebível tão estranha resolução numa jovem, solteira, filha de família! A ser casada, eu não faria objeção; mas solteira! (*Gazeta de Notícias RJ*, 03 de julho de 1893).

Quando, após a primeira relação, o estudante passa um tempo fora da casa dos tios para escapar de uma possível insistência para se casar, Maricota pensa o quanto Mário é tolo por fugir dela, pois nem sequer o amava, tampouco desejava matrimônio. Maricota demonstra abertamente querer descobrir o prazer do sexo, uma vez que a perda da virgindade fora dolorosa.

“Que tolo!”, pensou. “Ainda está envergonhado e procura evitar-me, quando, se quisesse, poderíamos estar juntos todas as noites. Deve ser tão bom! A primeira vez não foi grande coisa, isso eu já sabia; deixou-me muito magoada, toda doída, ensanguentada, com a sua brutalidade. Parecia que estava danado, a me morder, lambendo-me, machucando-me. Agora que está feito o principal, é que deve ser completo o prazer. Ignoro ainda muita coisa, mas hei de aprender tudo. (PIMENTEL, 2015, p. 73).

Maricota busca o seu prazer sexual, sem quimeras românticas, sem inibições ou restrições maritais, o que a torna uma personagem indigesta para o patriarcado. Por ser mulher, foi julgada por escolher vivenciar a sua sexualidade, em muito lembrando personagens como Emma em *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert e Luísa em *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz. As três personagens são mulheres pequeno-burguesas, entediadas, que experimentam o sexo fora da vida conjugal. E todas têm um fim trágico.

Com a morte da mãe e seu pai tendo enlouquecido, Maricota decide aceitar a proposta do Dr. Leopoldo Pinheiro, a quem secretamente chama de “Bode Velho”, apelido dado ao advogado por um inimigo político. A moça se muda para uma casa provida por ele, porém sempre se esquivava de ter relações sexuais com o Bode Velho, que após uma tentativa frustrada de estuprar Maricota, desiste de insistir e, de certa forma, aceita o relacionamento platônico

com a moça. Maricota, então, deslumbrada pelas leituras pornográficas do baú de Mário, almejava “ser uma prostituta célebre, como Nana¹, que tanta impressão lhe causara” (PIMENTEL, 2015, p. 124). Assumindo para Mário que não é uma “rapariga honesta” (PIMENTEL, 2015, p. 105), Maricota não ambicionava casamento, mas sim o luxo e a vida na corte:

Ao abdicar da virgindade e do casamento, Maricota, que também não podia contar com a proteção financeira de seu pai, fazia sua opção pela prostituição, que de modo algum a desagradava. Nas suas falas, a adolescente entusiasmava-se com a vida dos prazeres efêmeros, sonhava manipular, confiando na sua astúcia, os homens endinheirados da cidade e transformar-se na mulher pública mais requisitada de seu tempo. A atitude consciente de Maricota em favor da vida devassa fomentou comentários inconformados de jornalistas que consideravam ousadas demais suas ações e pensamentos (EL FAR, 2011).

No entanto, Maricota não saiu ileso. Em um desfecho que pode ser considerado moralizante, a moça paga seus pecados com a própria vida. Após engravidar de Mário e realizar o aborto com a ajuda do primo, Maricota vai a óbito, em uma cena descrita de forma explícita e chocante. Já Mário, tão responsável pelo ocorrido quanto sua amante, consegue fugir das consequências de seus atos. Até mesmo atualmente o homem não é responsabilizado pelas vidas que gera, não poderia se esperar algo diferente de um folhetim oitocentista.

É possível entender Maricota, bem como as outras personagens femininas citadas acima: Emma, Luísa e Nana, como exemplos de mulheres viris. Maricota destoa da conduta idealizada para uma mulher do século XIX, uma vez que seu comportamento e escolhas demonstram total desprezo para com a moral vigente. A personagem é uma antítese ao padrão romântico ligado à figura feminina: Maricota é dona de si.

A antiga normalista escolhe quem frequenta a sua cama, sem por isso entender que precisa estar presa aos laços matrimoniais; se mostra aberta a uma performance sexual, que aprende com os livros e gravuras de Mário, que mulheres de sua época muitas vezes não tinham em seus quartos protegidos do pecado; quando o pai enlouquece, é ela quem toma as rédeas da família e garante a sobrevivência de ambos; é ambiciosa e aspira os salões da capital. Maricota é uma afronta ao patriarcado porque não se sujeita ao papel designado para a mulher, pelo contrário, exerce sua sexualidade tão livremente quanto um homem e por isso pode ser entendida como uma mulher viril.

1 Personagem do romance homônimo, publicado em 1880, do escritor naturalista francês Emile Zola. O enredo da obra está centrado em uma cortesã da alta sociedade francesa na época do Segundo Império. O romance teve um alto apelo comercial devido a seu conteúdo erótico.

Ao procurar em qualquer dicionário, encontra-se o termo “viril” como relativo ao homem. Mulher viril era, portanto, uma maneira pejorativa de rotular mulheres que agiam com a mesma liberdade dada aos homens em uma época em que os papéis de cada gênero eram estritamente delimitados. Ao classificar Maricota como uma mulher viril, pretende-se positivar esse rótulo, ampliando e ressignificando o termo para designar mulheres que reivindicam ter experiências até então apenas permitidas aos homens, principalmente no que se refere à vivência sexual.

Maricota faz sexo por prazer, como o narrador deixa claro em diversas partes do romance, quando da mulher era apenas esperado o sexo como um meio de reprodução, como bem explica Ana Rosso (2012, p. 240):

Libertando-se dos grilhões da função primariamente reprodutiva que muitas vezes era atribuída às mulheres, e afirmando sua sexualidade sobre os homens, as mulheres nessas histórias perduram não apenas como criações góticas, mas, mais interessante, como personagens que são capazes de transcender as limitações do seu tempo (tradução nossa).²

A personagem realmente consegue transcender algumas limitações de seu tempo, mas não todas. Maricota encontra dois grandes problemas em sua trajetória: uma gravidez não desejada e ser pobre, um tornando o outro ainda mais difícil de lidar. Como ela nunca teve relações sexuais com o Dr. Leopoldo, sob a justificativa de não estar pronta para tal ato, e era ele o responsável por seu sustento, vê-se, então, não somente o impasse dessa gravidez, mas também como o fator financeiro se mostra determinante para garantir a liberdade de mulheres como Maricota.

É possível comparar Maricota com a personagem Lenita de *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro. Ambas são mulheres que vivem livremente a sua sexualidade, porém engravidam. Lenita, que tem uma condição financeira mais abastada, consegue se casar e sair do país. Maricota, pobre e dependente do Bode Velho, recorre a um aborto clandestino e morre. Percebe-se, portanto, que há uma distinção clara entre a mulher viril rica e a mulher viril pobre. Lenita gozava de uma autonomia que Maricota jamais teria acesso, tendo em vista sua dependência financeira.

Maricota, todavia, se mostra uma personagem feminina forte, de opiniões e atitudes que não eram esperadas de uma mulher dos oitocentos. A antiga normalista é dona de si, manipuladora e seus anseios não se prendem ao sonho de uma vida conjugal pacata, mas a liberdade para experimentar os prazeres da vida, sexual ou não, e para ser quem quiser.

2 No original: Breaking free from the shackles of the primarily reproductive function that was often assigned to women at the time, and asserting their sexuality over the men's, the women in these stories endure not only as gothic creations, but, more interestingly, as characters who are able to transcend the limitations of their time.

4. Considerações finais

O aborto, apesar de ter sido um verdadeiro sucesso de vendas, foi bastante criticado por seu teor pornográfico e escandaloso, trazendo à tona, mais uma vez, a velha discussão sobre o que é literatura e qual é o seu valor. Magalhães de Azeredo, em uma de suas tantas críticas ao romance de Figueiredo Pimentel, diz que:

(...) como me aborrece ver que, logo aos primeiros passos que dou, devo sair do terreno das letras propriamente ditas, para cair no domínio... da pseudoliteratura, industrial e pornográfica!”
(*Gazeta de Notícias RJ*, 19 de junho de 1893)

Para o crítico, os romances comerciais seriam uma produção inferior, que sequer poderia ser chamado de literatura, pois rebaixaria a arte literária. *O aborto*, no entanto, já caminhava para as vendas do sexto milheiro.

Figueiredo Pimentel, portanto, mostrou saber explorar o viés sensacionalista do naturalismo, sem temer sua fama de “escritor imoral”, como o próprio autor já esclareceu. Ele foi um escritor profissional, desprovido da aura divina que muitas vezes, equivocadamente, se atribui ao homem de letras. *O aborto*, bem como outros romances polêmicos publicados pelo autor, mencionados anteriormente, se molda ao naturalismo muito mais pelo sensacionalismo que provocou do que pela estética cientificista em si.

Enquanto os escritores dominantes zelavam por manter a ideia romântica do escritor como um ser incapaz de ter sua qualidade ou sucesso medidos por algo tão mundano quanto o dinheiro, Figueiredo Pimentel figurava o outro lado da moeda literária: a literatura como uma atividade comercial lucrativa. O desaparecimento de Figueiredo Pimentel da historiografia e sua ausência nos manuais de literatura apenas comprovam que, por mais populares que fossem seus livros e por mais exemplares que se tenham vendido, é o grupo dominante quem decide o que deve ser lembrado.

Referências

AZEVEDO, Natanael Duarte e FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura. *Revista Graphos*, Paraíba, v.19, n.2, p. 140-164, 2017.

BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. De “O artigo 200” a “O aborto”: trajetória de um romance naturalista. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 37-58, jul./dez. 2013.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do século XX. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 285-312, jan./jun. 2007.

EL FAR, Alessandra. Os Romances de que o povo gosta: o universo das narrativas populares de finais do século XIX. *Floema* – ano VII, Bahia, n. 9, p. 11-31, jul./dez. 2011.

GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se leem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

MENDES, Leonardo. O Zola da Praia Grande: Figueiredo Pimentel e o naturalismo. In: PIMENTEL, Figueiredo. *O aborto*. Estabelecimento do texto e organização de Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015 [1893], p. 7-14.

PIMENTEL, Figueiredo. *O aborto*. Estabelecimento do texto e organização de Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015 [1893].

ROSSO, Ana. *Female Sexuality in French Naturalism and Realism, and British New Woman Fiction, 1850 – 1900*. Exeter, Inglaterra: University of Exeter, 2012.

VIEIRA, Renata Ferreira. Figueiredo Pimentel e o romance *O aborto* (1893): uma história pouco conhecida do naturalismo no Brasil. *Soletas Revista*. São Gonçalo, n. 30, p. 103-117, jul./dez. 2015.

Periódicos consultados:

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 19 jun. 1893.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 3 jul. 1893.

Submetido: 17/08/2019

Aceito: 11/12/2019